



**A VIDA DO LUTIN**

**FOLHA**

**JOCO-SERIA-ILLUSTRADA**

**PUBLICA**

REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.  
VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.

**ASSIGNA-SE**

**RUA DO OUVIDOR**

**59**

**SOBRADO**

**PREÇOS.**

CORTÉ		PROVINCIA	
Um mez . . . . .	20000	Semestre . . . . .	110000
Trimestre . . . . .	50000	Anno . . . . .	210000
Semestre . . . . .	100000	Avulso . . . . .	500
Anno . . . . .	200000		

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

*S. M. L.*

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedee Achard.

## Primeira parte

(Continuação.)

Era uma manhã chuvosa. O Sr. de Charnailles, Godofredo, Armando e Adriana passavam na galeria de armas. O velho castellão, como soldado educado na lucta, contava asdancantes do seu tempo de aventuras. Veio a fallar-se em esgrima.

«Costuma manejar estas tolidas?» perguntou o fidalgo allemão dirigindo-se a Armando.

«Se quer experimentar! disse o moço, tomando um sabre e fallando em guarda.

O conde de Pappenheim escolheu na parede uma arma fusta, em tamanho, vergou a lâmina, e examinou a ponta e o guizo, que já estavam bastante embolados.

«Um duello para rir.» Pá-féito.

«Não fallou ali outros sabres, pontudos como agulhas, e mais afilados do que facas de coque. Se quer servir-se d'ellos, não faça cerimonia!» disse Armando; e, quando viu o Sr. de Charnailles se achava presente.

«Que significa isto? Provoca nosso hóspede?

«Oh! nada receio, Sr. conde!» replicou Godofredo. «Não farei com que o primeiro duello do Sr. de La Guerche seja o ultimo.

Instantes depois o ferro ergueu-se com o ferro. Apesar do seu felleiro, o pado allemão conheceu, logo depois dos primeiros golpes, que não se media com um adversario de força melleira. Dous vezes mesmo escapou de ser ferido. Então contrahio o sobre o olho o visco logo a cruz vermelha desdobrar-se em sua pallida fronte. Immediatamente por em jogo, todos os sahios recursos de que lançou mão nas occasiões mais criticas, e, parando um golpe com agiliçadade de panthera, descarregou com toda força seu sobre no braço de Armando.

A orca saltou nas mãos do Sr. De La Guerche e caio sobre o assallio.

«Disculpe-me! não quiz fofegá-lo mais» disse Godofredo.

Edvergouhido, por ter sido vencido e destemido diante de Adriana, quiz De La Guerche lançar mão do outro sabre, mas o Sr. de Charnailles interpoz-se exclamando:

— Basta!

Godofredo e Armando fíatiro-so. Que orgulhosa arrogancia no olhar de um, e que sede de vingança no do outro! Pappenheim abaixou-se e espanhando a espada, que seu adversario deixára cair, apresentou-lh'a com o sorriso nos labios, proferindo estas palavras:

— Saiba tudo o que se aprende nas escolas; fallalhe agora só o que o campo de batalha ensina!

— O conde de La Guerche, seu pai, bem o sabia; Armando sabel-o ha em breve! respondeu com altivez o velho castellão.

«E o que mais desejo a espero,» disse o fidalgo alomando sem perder de vista o primo da Sra. de Souvigny.

Armando sabio da galeria a passos lentos. Faltava-lhe o ar. Quando se achou no jardim duas lagrimas resvalaram-lhe pelos faces.

«Como ello se encarava! Como seria! Oh! ha de chegar o dia do desforço!»

De repente estremeceu. Adriana estava de pé diante d'ella.

«Eia tranquillo, porque o odeio tanto, quanto o de-lustas!» disse ella.

Armando, bajou com franqueza as pequenas mãos de sua encantadora prima.

— Choras ainda?

— Não! Não chorei mais! e já que me amas, secrei digno de ti!

Armando estava muito agitado; precisava aliviar o coração, desabafando com alguém, pelo que foi ao encontro de Reinoldo, que cecava em companhia de Carquefou.

— Hei, herego! vans confessar-te? bradou Reinoldo logo que o viu.

— Quasi, respondeu Armando.

— Então, falla, disse Carquefou, estendendo-se ao-bro a grámma.

O Sr. De La Guerche nada occultou ao seu amigo; narrou-lhe o que se havia passado desde a chegada de Pappenheim. Reinoldo mostrava-se confotissimo.

— E dizes que o tal estrangeiro é muito atrevido?

— Multissimo!

— E que encara a Sra. de Souvigny?

— Com uma insolencia incrível!

— E que traz numerosas compenias?

— Vinte pessoas, entre escuderos e homens d'armas.

— Bravo! exclamou Chaufontaine, afregando confortente as mãos.

— Com isso te afogras? São estas as consolações que me prodigalizes? perguntou De La Guirrho.

— Certamente, com a breca! Pois não comprehendes? Já temos o que tanto ambicionavamos. Este Pappenheim é um moná que nos cala do eco. Bemlido sejam todos os santos, santa Estocada principalmente, o seu Hercules corta-cabeça, meu padroeiro!

(Continúa na pagina 59)



*Alto Imp. do Brasil 1889*

BARÃO DE MAUÁ

A VIDA FLUMINENSE



A M<sup>te</sup> CHON-CHON, O PUBLICO AGRADECIDO

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 1.º de Fevereiro de 1868.

Offerecemos hoje aos nossos assignantes os retratos dos distinctos acrobatas Penna e Bastos, cujos trabalhos tanto tem agradado.

No 4.º numero d'este semanario emitimos francamente nossa opinião sobre o merito artistico dos dous intrepidos moços.

Resta-nos dizer hoje que no domingo passado não ficou um lugar vazio na vasta sala do theatro lyrico, e que as ultimas ~~edificações~~ foram disputadas pelos concorrentes com verdadeiro encarniçamento, vendendo-se algumas pelo duplo e triplo de seu valor real.

Seja por que a grande affluencia de espectadores actu poderosamente sobre o enthusiasmo do artista; seja porque os freneticos e constantes applausos o desveiram a ponto de, com risca da vida, lançar-se aos mais arrojados commettimentos, Penna e Bastos excederão-se n'aquella noite.

O publico chamou-os ao presencio e es victorioso com coloridos applausos.

Amanhã fazem beneficio os dous acrobatas portuoguezes. Para artistas d'aquella tempera mais val o proprio merecimento de que qualquer appello feito pela imprensa ao publico.

No Gymnasio dramatico continuão as enchentes... de bancos vazios.

Annunciou-se — ultima representação do *arpenêido* drama Force por force —; mas o publico que já não como araras, deixou-se ficar em casa, comparecendo apenas no theatro umas trinta ou quarenta pessoas.

Qualquer empresario teria desanimado; porém Furtado Coelho que, alem do auctor, actor, poeta, pianista, copologo, litterato, desenhista, isto, aquillo e aquillo outro, é tambem muito finorrio contentou-se em bradar:

Ingrata patria non possidebis ossa mea!

(este *ossa* tem em latim dous significações, a saber: ossos o companhia dramatica.)

E logo resolveu transportar-se para S. Paulo, em principis de Março, levando dous alentados volumes. Em um d'elles irão bem acamados os mariosos copos, no outro todos os artistas, e ambos terão por fóra este leitreiro: FRAGIL.

Vento do popa lhe assista!

A proposito:

Ha dias disputavão dous cavalheiros. Um d'elles, mais asomado, desafiou o outro. Escolherão-se os padrinhos, preparou-se tudo; faltava só designar o terreno, onde se devia realizar o duello.

Disso um dos padrinhos:

— Não me compromettão. Se a policia souber prende-nos. Vejam lá onde se querem bater!

— Tem razão. Devemos escolher um lugar bem solitario, onde tenhamos certeza de não encontrar ninguém! observou outro padrinho.

— Justamente, um lugar ermo.

E pizerão-se todos a pensar. Cinco minutos depois, bradou um d'elles:

— Achei! Achei! Bator-se-hão na plateia do Gymnasio, n'uma noite em que se annunciar Force por force, difficilmente acharemos ermo igual.

Esta idéa foi unanimemente abraçada.

Distribuímos com este numero o retrato do Exm. Sr. Barão de Mauá. Em lugar competente vai o esboço biographico.

Quizamos escrever com mais desenvolvimento, e a vida do illustro financeiro daria margem para uma biographia importantissima, mas as proporções da nossa folha não comportão artigos muito estirados.

Na ultima pagina d'este numero damos a continuação do celebre carta do Mazzini a Napoleão 3.º.

Estava literalmente cheio o theatro da rua d'Ajuda na noite de 29 do corrente. Tratava-se, nem mais nem menos, da estreia da nova Companhia Franceza.

A opera escolhida foi — *Os Mosqueteiros da Rainha*.

Excessivo calor, aperto insupportavel, um tal alfaite que depois teve remorsos, a triplice *ouverture* cantada pela orchestra, a impaciencia por causa da demora, tudo isso contribuiu para espezar o animo do publico, e tornou-o demasiado severo.

A men ver não é prudente julgar uma companhia por alguns artistas que se apresentão commovidos n'uma primeira representação.

Demos tempo ao tempo.

Julgo, porém, que já se pôde ajuizar do merito de

alguns, entre elles, as Sr.<sup>as</sup> Duran e Berger, que cantarão com satisfação geral, maximo a primeira.

O tenor pareceu *ligeiro*, mesmo muito *ligeiro*, mas omittim, aguardemos outras provas.

Recommendo á attenção publica certo

Nariz d'ambono

Com tal querena

Que entra na scena

Das horas primeiro que seu dono!

### Alcazar

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

A direcção do Alcazar continúa a alimentar o publico com — caldos requentados.

Orpheu! Orpheu! o sempre o aphrodisiaco Orpheu! (*du réchauffé, quoi!*) sem se lembrar que o uso excessivo dos aphrodisiacos tem consequencias tão.... consequentes!

*Asses de jambes!*

E se não, observem que os *gandins* da historia antiga, verdadeiros satellites d'aquelle systema planetario... — foram desertando a pouco e pouco.

Já se não encontram ali as listrosas faces vermelhas, ornadas de grisalhos *rustias á inglesa* (duas nacionalidades em uma só barba verdadeira) e tendo por capitel uma reluzente caroca, que tão bello effeito produz á luz do gaz e dos olhos de *ces dames*.

Já se não reúnem ali aquellos celebres Creses barbigudos, que cobrião de chita suas caras moladas, para poderem abrir conta ás *cocottes* nas *Daxons* e *Museis* da rua do Ouvidor.

Já se não vê essa elegante pleiade de moços da moda, que sacrificavam as gavetas dos pais e dos amos, para colherem um olhar, um sorriso da Estrella de Paris ou do Cometa de Tombouctú.

Nada d'isto!

Embotados roceiros que se riem (porque o riso é contagioso) das pesadas monices do Urban, eis o publico que sustenta o firmamento da rua da Vallá, tão recamado de estrellas.... *plantes*. (Nota. A palavra *Plantes* — pelo ser lida em francez ou em portuguez. A culpa não é minha).

Que seria do Alcazar se uma carregação de bonés brancos, russos e de outras cores não tivessem aportado ás nossas plagas? Sentidos de emoções encontrarão aqui uma velha conhecida (*perussier, Mlle. Gaudon*) que, dizem, fez outr'ora as delicias da ganto que come sebo.

Quando se encontram vellos amigos, manda-se vir champagne. É justo. Quando se bebe champagne fica-

se alegre. É natural. Quando se fica alegre canta-se, grita-se, dão-se hurras! É certo. A alegria chega ao delirio; estrojem as risadas.... Por causa do Mlle. Gaudon rirão-se os russos *coime des bossus!*

E Mlle. Aimée?

Annunciação os jornaes que a scintillante estrella faz beneficio.... mas beneficio a quem?

A pega escolhida é a *Grande Duchesse de Coquins-lein*.

Dizem que a beneficiada foi muito caprichosa na escolha do publico, o que só tem ingresso gente muito *selecta*; mas quando me lembro que as *selectas* andão ás vezes a tres por dous....

Findo com uma noticia:

Consta que a Direcção do Alcazar creou uma nova subdivisão do cadeiras — *Stalles d'orchestre, prie 35000 reis, qu'on se le dise!* O mais interessante é que os frequentadores estão resolvidos a entrar em côro na noite do beneficio, de costas para o palco, esta canção:

Oh, Urinette! Oh, Urinette!

Não fagas pagar os innocentes pelos peccadores.

### BIOGRAPHIA

#### Ireneo Evangelista de Souza Barão de Mauá.

O prestimoso cidadão, cuja biographia vamos esboçar, nasceu a 28 de dezembro de 1813, na freguezia do Arroio Grande, districto do Jaguarão, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Seus pais, João Evangelista de Souza e D. Marianna de Souza e Silva, o mandaram para a corte em 1822, a fim de completar seus estudos.

Em 1825 estrepa-se na carreira commercial o pequeno Ireneo Evangelista de Souza, entrando como caixa-iroem casa do negociante de fazendas Antonio José Pereira de Almeida. Ahí, apesar de sua tenra idade, tanta aptidão e boa vontade mostrou que quatro annos depois, retirando-se o Sr. Almeida á vida privada, não se esqueceu de recommendar-o a um amigo, cuja influencia podia ser-lhe muito valiosa.

Em 1829 foi recebido como caixa-iro por um dos negociantes mais acreditados da Praça do Rio de Janeiro, o Sr. Ricardo Carruthers.

D'este então começou a expandir-se diante do joven Ireneo um brilhante futuro.

As felizes disposições de que era dotado, seu nunca desmentido amor ao trabalho, sua robusta intelligencia e amenidade do seu trato forão-lhe pouco a pouco gran-



Para lavar os olhos do colozo, esfregue-se de delicadas do colozo.



Não! Utermentis que mara a alto e baixa... de Oute.



Tem vista, tem lago, e lá he julia e doia.



Bridagus, um porco de coloz! Jura delitencia para quem não tem que fazer.



Reclamação recorrente para poder dormir. Quando não da posse toda a noite naze, agreda o exercício.



A Ilum - Coruna, deia de zula e pastoreio, e fterecia. Um chapéu de sol - a colozura para que ela não se de laua.

Agua, Agua, que o abento está danado!



A pesar de veras, os raios do Sol que de uns olhos bonitos po

REGATAS

Amphibios. Se o vento mudasse, sempre andar grato.

Caallaria de Marinha



Sala! Tudo o um tempo - Camião a 16 e aules a 16.



Cacha onitada num país logicial e onocera, 17000 refita com e nada na Paris.....



Se contiga por dia a sempre alegrida!



- Basta! Basta! basta!  
- O In tem media que caia?  
- N da. Tembe mado que se abereita.



Theatre Lyrique. — Que bristam e sala?  
Sai os detreles e detretras-se para camba com a xile.

Quetimas manes da que os  
para edu nos ha, sorvete que volha.



Marinhare elegancie



Sherry-Cablier  
Oh! Abastaca, quina este, laem-se bibas de sabao nas telaiagons?  
Aos mulher, aquille e mado que elle esta lemanas.



goando a estima de quantos o conhecia, e o constituiu mais um filho do que um subalterno do Sr. Ricardo Carruthers.

O velho negociante comprazia-se em auxiliar com seus conselhos o novel discípulo, que só de pratica corria para torná-lo um dia o primeiro entre os primeiros.

Com taes dotes não podia ser longo o tirocinio.

Com effeito, em 1 de janeiro de 1836, e quando tinha apenas 23 annos de idade, foi o futuro iniciador do espirito de associação no Brazil nomeado socio-gerente da casa de Carruthers & C.

Em 1840, querendo dar ainda maior incremento ás transações da casa cuja gerencia lhe fôra confiada, o cujo credito já tanto se havia elevado, graças á sua habil direcção, empregou o Ireno Evangelista da Souza uma viagem á Europa, durante a qual estabeleceu em Manchester uma casa sob a firma de Carruthers, de Castro & C.

De volta no Rio de Janeiro casou-se em 1841 com sua sobrinha D. Maria Joaquina de Souza.

Os annos subsequentes da vida do illustre rio-grandense constituem uma serie nunca interrompida de grandes-empresas commerciaes e industrias.

Em 1845 fundou no Rio Grande uma casa sob a firma de Carruthers, Souza & C.

Em 1846 fez acquisição do estaleiro e fundição da Ponta d'Areia, que jazia em decadencia, e que em pouco tempo se tornou o primeiro estabelecimento d'esse genero na America do Sul.

Mezes depois, sendo eleito presidente da commissão da Praça do Commercio, teve mercê do habito do Christo.

Em 1847, estando na cidade do Rio Grande, ali organisou a « Companhia Rio-grandense do Rebouças a Vapor » com o intuito de facilitar o serviço da barra da provincia.

Em Janeiro de 1850, tendo trabalhado na confecção dos regulamentos para execução do codigo commercial, foi agraciado com o officialato da ordem da Rosa e elevado um anno depois a commendador da mesma ordem.

Por esse tempo, e um pouco depois, estabelecerem em New-York uma casa commercial sob a firma de Carruthers, Dixon & C., e organisou o banco do Brazil.

Em seguida creou as companhias de illuminação a gaz, de estrada do ferro de Petropolis, de navegação e commercio do Amazonas e de diques fluctuantes.

Em 30 de abril de 1854, dia em que se inaugurou a primeira via fôrrea brasileira, foi agraciado com o titulo de Barão de Mauá.

Em julho do mesmo anno transferio a propriedade do estabelecimento da Ponta d'Areia a uma companhia que organisou e da qual é principal accionista e administrador.

Ainda n'este anno fundou no Rio de Janeiro, com uma caixa filial em Londres, a sociedade bancaria em commandita, sob a firma de Mauá Mac Gregor & C.

Dois annos depois estabeleceram uma casa bancaria em Montevideo sob a firma Mauá & C.

Além d'estas por elle iniciadas e levadas a effeito, tem o Barão de Mauá contribuido com suas luzes, seu trabalho e sua fortuna para a realisagão do quantos emprezas importantes existem entre nós.

Hoje o Barão de Mauá é membro honorario do Instituto Historico e Geographico do Brazil, Thesoureiro do Hospicio do Pedro II e socio de quasi todas as instituições de beneficencia.

Seus concidadãos o adoram como bons irmãos e mais de uma vez o tem distinguindo dando-lhe um lugar na Camara Temporaria.

Todos os brasileiros o respeitam e collocou seu nome no primeiro plano dos cidadãos prestimosos.

O Barão de Mauá conta agora cincoenta e quatro annos. Deus lhe conceda ainda dilatada vida para maior felicidade e engrandecimento da terra que o vio nascer.

### Um passeio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

IV.

Que desespero para Josepha ! Mal Arthur dirigio-se a ella voltando os olhos, a ardilosa voltou-lhe as costas com mão modo, toda offendida e arroufada.

E tinha razão ?

Ora pilhulas ! O rapaz estava em pleno direito e o vium do gondola não estabelecera compromisso. O facto é que o arroufo durou !

Em compensação, Guillermina olhava para Roberto com cara de hestitude ; esta não cabia em si de alegria e cantarolava entre dentes o — 29.

Não se assustem, amaveis leitoras, não invejam esse Roberto, que é pasacão muito grande. Se lhe invejam a sorte — paciencia !

— Paciencia ! — palavra universal, que tem mais applicação que as pillulas Holloway ou o seu numero da preparações americanas do Dr. Ayer ! E se não vejo :

— « Sinto muito, Sr. Fulano, hoje não pôde ser, volte amanhã.... »

— Sr... que transtorno.... esse dinheiro.... »

— *Tenha paciência!*

E lá vai o Sr. Fulano impacientado!

— Olha: vem cá, dá-me um abraço, o ultimo, ou visto?

— Ora.... pois não sabes que não posso.... »

— Ah? não queres? pois não te peço mais!

— *Paciência!*

Ou então:

— Pois não fostes promovido?

— O que queres? não sou da família Coxias.... *paciência!*

Ainda mais:

— Sabes? O Barreto Basto dá por terra com o ministério.

— Que desgraça!

— *Paciência!*

Ainda:

— Oh! senhor que despropósito! É muito caro, não compro.

— Mas senhor, o cambio.... »

— Essa é boa! Que me importa o cambio? Não compro!

— *Paciência!*

E o freguez sahe desesperado!

Quando me dizem — *paciência!* — palavra que tanto impetito do gritar com toda a força:

— « Ora não me enosse! »

Vamos á nossa historia.

Ambrosio surge repentinamente:

— Apre! estou tindo! É a primeira e ultima vez; não me pilhão mais!

— O que foi, Ambrosio?

— O que havia de ser, artes do Mauluca; o tratante foi pular a vala do quintal, eahio e está todo coherito do lamo.

— Hi!!! exclamam ás moças em côro.

E d'ahi a pouco, entra o tal Mauluca: cabeça, cara e roupa, tudo era lama e de pronunciado máo cheiro.

Os rapazes levam-no os lenços ao nariz e ninguém atreveu-se a approximar-se do menino, que deixava apóz si um rastro de lodo.

— « Salta, atrevido! Musca-to o tira essa roupa! »

O menino, se o pai disse melhor fez. Começou logo a despir-se: sacou jaqueta e collete, tirou a camisa n'um apico, e já ia desbotando os calças, á vista dos circunstantes, quando Brigida exclamou a esganar-se toda:

— « Menino!!! »

Esse menino por si só valia um poema. Mauluca a nada attendeu; Ambrosio torcia-se do raiva e quando o filho ia de-fazer-se de-seo ultimo obstaculo, o velho vi-

rou-se muito lampeiro, o executou no ar um formidavel pontapé, cujo ponto de applicação era muito bem escolhido. O pontapé, como todas as cousas feitas no ar, felhou, o menino esgueirou-se pela porta e Ambrosio ostendeu-se redundante no chão!

O effeito foi esplendido!

Depois do baque ouviu-se um — « ui! » — que foi logo coberto pelos impediaveis risos das moças. Base côro do risadas atrahio um moleque, que espiou com gosto; dous ches começaram a ladrar com desespero o até um chim, vendedor de camarão, enfiou a cabeça pela janella para dar fé da algazarra!

Arthur adiantou-se:

— « Ora, Sr. Ambrosio.... bem diz a sentença: quem com ferro lero.... »

— « Ora bôlas! vá dormir? »

Brigida approximou-se com um copo d'agua.

— « Toma que te fará bem. »

— « Vá-se com todos os diabos! » e com um tapa atirou copo, salva e agua pelos ares.

— « Que infernal passeio, antes não tivéssemos vindo! » bradou Brigida, já bastante enfiada e com voz de chôra.

A esta sahida da mãe, Josepha olhou supplicante para Arthur, como quem llo fazia uma exhortação.

A Nôê atravessou o corredor e Arthur, o incorrigivel, foi logo ao seu encalço.

Josepha fez-se rubra como um pimentão e batten, furiosa, com o pé.

Roberto suspirou uma vez.

Guilhermina respondeu-llo duas e parece inutil dizer, que, a rapariga estava mordida pelo rapaz! Isto de moça que morde-se.... Um!!!... temos conversado!

D'ahi a instantos ouvia-se da sala:

— Ah! ah! ah! deito-se disso!

— Asseguro que vem.... »

— Com a hespanhola?

— Isto mesmo.

— Ah! ah! ah! pois o rapaz anima-se.... ollo que passa por galante, que ma faz a côrte!

— E então? Quer causar-to zelos, Nôê. Desenganate, vem e traz a hespanhola.

Veremos!

— Queres apostar?

— Quero! O que perdes?

— O que quizeres; promettes.... »

— Tudo!

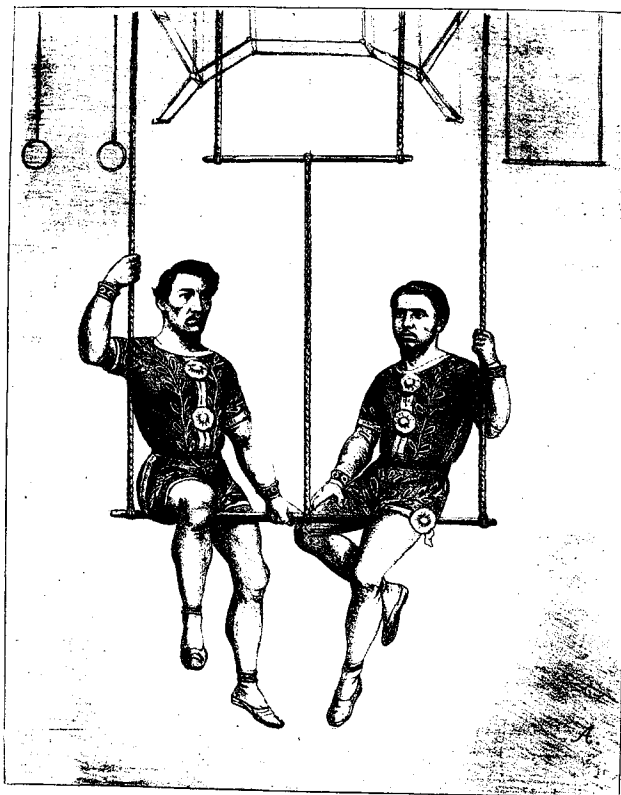
— Monos essa! Isso é com restricções! Quero só que te compromettas a dar um abraço em um doutor, que aqui virá hoje e que despede-se d'essa vida do rapaz; é moço o bonito!

— Está dito! Um abraço ao Dr. Moço Bonito. Ah! ah! ah!

E sumio-se.

(Continúa.)

A VIDA FLUMINENSE



OS ACROBATAS PORTUGUEZES PENNA E BASTOS

Armando admirado não podia entender o que seu amigo queria dizer.

— Não te dá por achado. Estes dous santos fui eu que os inventei para meu uso particular. Invoco-os desde pela manhã até à noite.

E como Armando ainda o não comprehendendo, Reinaldo passou seu braço sobre o d'elle e continuou:

— Sempre observei que teu espirito não tinha muita logica. Não attentas para o encadeamento das cousas. A Grande Fortelle vivia em paz: chega um homem n'uma noite tempestuosa e logo mudou-se as faces das cousas. A vida tem sempre accidentes como estes. Mas quando o homem tem o ar como esse do que acabas de fallar, o negocio complica-se. Acredita-me. Rico, estrangoiro, insolente e acompanhado por um bando de mariolas, o Sr. de Pappenheim não querêr deixar a Grande Fortelle, sem levar uma recordação qualquer.

— E qual pôde ella ser?

— A Sra. de Souigny, por exemplo.

— Que dizes?

— A verdade. Não está elle apaixonado?

— Infelizmente!

— Bem vêz, portanto, que enviares os maiores esboços para não deixá-la aqui.

— É impossível!

— Não é, porque elle ama-a e te odeia. Sua felicidade o teu desespero, que mais pôde o fidalgo querer! Isto é o que se chama um começo da aventura!

— Vai-te para o diabo com o tua aventura!

— Pois bem, irêi, se assim o queres: mas o tal Pappenheim irá adiante para mostrar-me o caminho. Eu cá não sou como Carquefou; ao menos tenho logica.

Ouvindo pronunciar seu nome, Carquefou, que estava deitado de barriga para baixo, apoiou-se preguiçosamente sobre os dous cotovellos, entortou a cabeça entre as mãos, suspirou e disse:

— Bem vejo onde vai parar sua logica, Sr. marquez. Quer metter-se no que não é de sua conta, e acaba por fim envolvendo-se a si e a mim em alguma grandiosissima trapalhada, era que representarei necessariamente o papel de armazem de pancada! Trinta bandidos contra nós! E bandidos alleanças!

— Ninguém te obriga a acompanhar-me, fica em casa.

— Ficar só? Quer então que eu morra do susto? Não; não, Sr. marquez! Arrastar-me-hei como puder; febrei os olhos; farei das fraquezas forças... ha de custar-me muito!... Mas ficar em casa, só?...

— Toma cuidado. Talvez haja pancadaria grossa!

— Paciencia; repartiremos entre nós dous. Sempre fui conhecido como muito generoso.

Carquefou suspirou de novo, subiu-se sobre um tronco e, tirando da sacola uma calda de pão e um bombo de leite, poz-se a comer trizamente.

Armando perguntou a Reinaldo, com bastante inquietação:

— Seriamto, estás convencido do que acabaste de avançar?

— So estou! Vi ha dias o tal marquez passar a cavallo á bocca da noite por um matagal. Nem eu sabia então para onde elle ia, nem d'onde vinha. Uma campida pluma escarlate fluctava sobre seu chapéu de feltro cinzento; tinha uma grande espada pendente ao lado esquerdo. Era o seu porte sobremaneira aliivo. Vinho homens silenciosos formavão sua comitiva. Quando passou junto de mim encarei-na. Desconfia sempre de quem tem olhos como os d'elle!

— Obrigado! disse Armando apertando a mão de seu amigo.

— Agora, conta comigo. Na hora do perigo, se perigo houver, onde estiveres, estarei.

— «Eu não disse!» bafadou Carquefou atterrado. «Ainda se fosse já, a gente não teria tempo de ter medo!... Mas qual!... É preciso esperar e morrer de paor vinte vezes por dia, antes de morrer devêras!...

Reinaldo proseguio com uma gravidade que lhe não era habitual:

— Uma ultima palavra. Não percas de vista o fidalgo allemão. Indaga bem o que faz: segue todos seus passos. Elle é da raça dos milhãres; uma hora de descuido bastará para fazê-lo desaparecer. Toma cuidado se não queres perder para sempre aquella que amas.

Armando voltou para o castello muito commovido. Era noite; havia luz no quarto de Pappenheim. Em quanto De La Guerche contristado stava o olhar na janella do aposento de Godofredo, parecêr-lhe ouvir passos, não longe, debaixo de uma moita, cujas arvores assombravão os fossos da Grande Fortelle. Armando escondeu-se instintivamente por traz do um robusto carvalho, e viu passar dous vultos. Um raio da lua, caindo por entre as folhas das arvores, fez-lhe conhecer n'um d'elles o escudeiro particular do conde. O outro estava todo embuçado com uma capa; mas não obstante isso viá-se brilhar perto do chão a reluzente ponta de enorme espada. Momentos depois desaparecerão os dous vultos no fim de umas alamedas.

De La Guerche estava desarmado, mas nem por isso hesitou em seguir-lhes as pegadas. Os dous vultos, porém, caminhavão rapidamente. Chegando ao fosso paravão um instantê. Um som agudo, como um assovio fentem o ar; abriu-se uma porta baixa, oculta na parte inferior d'uma velha muralha em ruínas; appareceu um homem com um archote aceso; os dous vultos sumiram-se pela abertura illuminada, e todo jazem de novo em trevas.

«É singular! Reinaldo será por acaso propheta?» pensou Armando, occultando-se n'uma moita onde ficou a espreita.

(Continúa.)

## José Mazzini a Napoleão III

(Continuação).

A vida economica da França é hoje uma especulação: a vida religiosa uma hypocrisia catholica: a vida politica uma negociação desonesta do direito e da liberdade: a vida social uma necessidade constante do soldados e de espiões: a vida intellectual uma lacuna, que nunca será preenchida em; quanto estiver de pé o throno, da que vos apassastes.

Assim nao so governa, senhor: o governo de uma nação é cousa por demais sacra.

Governo é a liberdade da representação nacional; é o aperfeiçoamento da alma de um povo livre pelo trabalho calmo dos estadistas mais habilitados. O que não foi assim, não passa de um facto momentaneo, profanado por um individuo rotulado de aventureiros, da alguns padres, e de um exercito pretoriano, promptus á sua voz a opprimir *pro tempore*, no seu proprio paiz, a liberdade, a virtude, os sentimentos nobres e a intelligencia! Os aventureiros investem já os restos da sua prest: os padres ahí estão promptos a abandonar-vos logo que retrogradis.

Tristes symptomas são estes! Não sentis estremecer a terra debaixo dos pés debaixo por agouros sinistros? Não vos dizem esses agouros que o imperio é uma montanha? Que nem outra cousa podia ser, visto que o fornizestes á vossa imagem?

Durante os primeiros cincuenta annos do seculo actual, a partir de Talleyrand, nenhum homem na Europa mentio tanto como vós: é este o segredo do poder temporario, que ainda tendes nas mãos. Lembrai-vos porém que: n'esta nossa corrompida e sceptica actualidade todo a mentira, que é facilmente acreditada, não dura.

Lançando agora um olhar retrospectivo sobre o passado é mister enumerar os factos, que comprovão a mentira de vossas asserções.

Em 1831 dissoutes que a insurreição das populações romanas contra o papa, era causa sagrada. Vosso irmão seguia as mesmas idéas.

Desde 1849 até hoje insultais aquella causa atirando-lhe, á face da Europa inteira, o epitheto de « demagogia. »

Em 1833 dissoutes em Aargenberg que, não havendo no mundo caracter nobre, que não fuisse desterrado ou perseguido pelos governos, tinheis orgulho em pertencer á numerosa tribu dos proscriptos.

A perseguição incessante, que durante o vosso imperio tem soffrido tudo, o que é nobre pelo caracter ou pela idéa, é prova cabal da vossa... incoherencia.

Em 1836, concluido o tratado de Strasburgo, quan-

do Luiz Philippe vos banio da França; reconhecendo as graves faltas em que havieis incorrido para com elle, profundamente commovido pela sua generosa clemencia, e ligado até pela vossa palavra do honra, jurastes não conspirar mais contra a monarchia.

A historia dirá um dia o que fazeis na Suissa dous annos depois!

Em 1848 entrastes em Paris com o firme proposito de seguir a bandeira da republica, e dar-lhe provas da dedicação.

Tendo talvez que a palavra não fuisse ouvida por todos, escrevestes então: — « Em presença da soberania nacional venho reclamar todos os direitos de cidadão francez. Não posso nem quero reclamar outra cousa. »

Em novembro apresentando ao povo a vossa candidatura á presidencia escreveis ainda: « Entre mim e a republica não deve existir ambiguidade. Declaro que não aspiro á coroa: não sou ambicioso a esse ponto. Educado no centro de paizes livres e resignado ao desfavor da sorte, conservar-me-hei sempre dentro dos limites marcados pelos deveres do meu cargo, e pela vontade da assembléa nacional.

« Não só na França, como n'outra qualquer nação que me elegesse presidente da republica, eu enciclaria todos os meus esforços, pela honra o juro, para obter que no fim de quatro annos o meu successor viesse encontrar o poder mais forte, e a liberdade intacta. »

Em dezembro, já sentado na cadeira da presidencia diziois: « O juramento, que acabo de pronunciar, garante a minha conducta futura. Considerarei inimigos do paiz todos aquelles, que tentarem mudar por meios illegaes a ordem de cousas actualmente estabelecida pela França inteira. »

Antes que essas palavras fossem proferidas, Cavaignac projectára uma expedição a Roma para garantir a segurança individual do papa. O projecto foi por vós asperamente censurado. « Não posso approvar qualquer intervenção armada que só iria prejudicar os interesses, que é chamada a proteger. »

Quatro mezes depois as tropas francezas desembarcavam em « Civita Vecchia! »

Em 1849, n'uma proclamação assignada pelo general Oudinot, mas dictada por vós, declarastes, que não era lenção vossa exercer uma influencia oppressora em Roma, nem impor-lho um governo, que não fuisse do agrado do povo.

Tres mezes depois, Roma, o seu governo, a vontade do povo estão inexoravelmente esmagados.

(Continua).

Rio de Janeiro. — Typographia e Lith. de Ed. Rensburg, rua de S. Antonio, 29.